

EM TORNO DO CONCEITO DE BRASILEIRISMOS

Karina Chrysóstomo de Sousa Nascimento (UFRJ)

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo analisar o conceito de brasileiro empregado por alguns gramáticos e filólogos brasileiros.

Observa-se, em torno desse tema, uma questão polêmica sobre a formação de uma língua brasileira.

Alguns estudiosos, a partir das diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal, consideram a existência de dois idiomas. Outros, ao analisarem as semelhanças, principalmente no plano sintático, confirmam a presença de uma única estrutura.

Destaca-se entre esses autores, a figura de Celso Cunha.

PALAVRAS-CHAVE: brasileiro, indianismo e africanismo

Este trabalho pretende refletir sobre o conceito de *brasileirismo* empregado por alguns gramáticos e filólogos brasileiros.

Observa-se, em torno desse tema, uma questão polêmica sobre a formação de uma língua brasileira.

Alguns estudiosos, a partir das diferenças entre o Português do Brasil e o de Portugal, consideram a existência de dois idiomas. Outros, ao analisarem as semelhanças, principalmente no plano sintático, confirmam a presença de uma única estrutura.

Torna-se necessário, antes de abordar os conceitos dos teóricos sobre o tema, retrocedermos ao momento de implantação do Português no nosso país.

O encontro do português (dominante) com o índio brasileiro (dominado) produziu uma situação inicial de bilingüismo, já que a língua serviu ao processo de colonização. Mais tarde, o português se sobrepôs às línguas nativas, favorecido pela fragmentação lingüística da população indígena. Durante o período colonial brasileiro, duas línguas foram descritas: o tupinambá e o cariri⁷. Contudo, a maioria das contribuições léxicas indígenas origina-se do tupi.

⁷ Nada justificaria ortografias como “kariri” ou outras estranhas à língua portuguesa visto que se trata de um termo especificamente brasileiro (**Nota do Editor.**)

No período de 1538 a 1855, a chegada dos escravos negros, originários da cultura banto e sudanesa, deu origem ao “dialeto das senzalas” – resultado do contato estabelecido entre a língua dos negros, índios e portugueses.

Esse dialeto foi seguido por um “dialeto português rural”, resultado do aportuguesamento dos africanos e da assimilação de africanismos pelo português. Esses diferentes momentos históricos trazem concepções teóricas distintas em torno do conceito de brasileiro.

Em seu livro, *Que é um brasileiro* (1987), Celso Cunha divide em cinco grupos os critérios usados para as definições propostas por nossos linguistas para brasileiroismos: critério de uso privativo, difusão geográfica, difusão social, sinonímia e origem.

O critério de uso privativo é usado por estudiosos que definem os brasileiroismos por contraste com o português europeu.

O pioneiro dos estudos sobre o português do Brasil, Visconde de Pedra Branca, distingue as duas variantes nacionais da Língua Portuguesa, através da oposição existente entre a aspereza da elocução européia e a amenidade da americana. Alguns estudiosos, como Mattoso Câmara Júnior e Silvio Elia, ao definir o termo “brasileirismo”, utilizam-se também desse critério para indicar a oposição entre o português do Brasil e o de Portugal.

O uso do critério de difusão geográfica nas definições de brasileiroismos costuma estar associado ao critério anterior. Em sentido estrito, brasileiroismos são os fatos lingüísticos pertencentes a uma determinada região do país; em sentido lato, são os elementos lingüísticos empregados em todo o país, ou em mais de um de seus estados.

De acordo com o critério da difusão social, os brasileiroismos são produto da linguagem popular, ou seja, são vocábulos que têm como origem as classes marginalizadas. Portanto são considerados, de acordo com o critério da difusão social, barbarismos ou desvios da norma culta.

O critério sinonímia foi encontrado, apenas, na definição de brasileiroismos de Jorge Guimarães Daupias (1929):

Brasileirismo será se, tendo já o objeto um nome em português, suceda darem-lhe outro os brasileiros. Fica, pois, consideravelmente reduzido o campo dos brasileirismos e limitado aos modos de dizer que não têm abonação no vernáculo antigo ou moderno. Será, portanto, a linguagem familiar, para não dizer o calão.

O critério de origem é usado para classificar os brasileirismos, a partir de uma fundamentação histórico-etimológica. Como exemplo, destaca-se Gladstone Chaves de Melo que divide os brasileirismos vocabulares em seis grupos: tupinismos, africanismos, vozes ameríndias e hispano-americanas, formações e derivações brasileiras, arcaísmos e brasileirismos quanto à significação.

Virgílio Lemos considera duas fases em que houve a dialetação do português no Brasil: fase degenerativa (corrupção do português de Portugal) e fase de reação culteranista (tentativa de reaproximação dos padrões portugueses).

Antenor Nascentes em sua obra, *O Idioma Nacional*, ratifica os estudos de Virgílio Lemos: “A expressão dialeto brasileiro serve para indicar de modo geral a variante portuguesa falada no Brasil”.

Gladstone Chaves de Melo, ao publicar *A Língua do Brasil*, afirma que a uniformidade do português do Brasil representa um sincretismo de dialetos continentais portugueses. Entre Brasil e Portugal, a *coine* é a mesma; há, portanto, unidade.

Serafim da Silva Neto, em seu livro *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, acentua, na linguagem, o conteúdo *cultural* e não o suporte *natural*. Ao comparar o uso culto do português do Brasil e de Portugal, conclui não haver divergências que justifiquem a ruptura lingüística entre as duas nações.

Torna-se importante ressaltar alguns momentos da nossa Literatura em que o emprego de brasileirismos transformou-se em uma bandeira artística para a formação de uma identidade nacional.

No Romantismo, motivado pelo contexto histórico: independência, antilusitanismo, a questão em torno da formação de um idioma nacional começou a ser discutida a partir de alguns pressupostos teóricos. Gonçalves Dias considera que a língua é um reflexo da realidade geográfica e social de um povo, para isso, uma nova realidade exige outras palavras que possam expressá-la. José de Alencar, fundamentado na ideologia nacionalista dos românticos, aproveita a lin-

guagem indígena na poesia erudita, bem como a língua modificada pelo povo em seus romances. Ex.: “Isabel estava branca como a cambraia do seu vestido; sentia a pressão das mãos do moço nas suas e o seu hálito que vinha bafejar-lhe as faces: – Me perdoareis?” (O Guarani – José de Alencar)

O Modernismo, como movimento de ruptura, surge com a força de um estilo revolucionário que objetiva sedimentar as bases de uma identidade essencialmente nacional na língua, na literatura, na música e na pintura. Torna-se fundamental romper com o padrão lingüístico europeu e adotar um modelo nacional, representativo do uso popular brasileiro. Como exemplo, desse espírito revolucionário, podemos destacar o poema “Pronominais” de Oswald de Andrade:

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

Em relação à questão de estilo e brasileiroismo traduzidos pelos românticos, Serafim da Silva Neto define ambos como um espírito que busca traduzir uma concepção de vida através da estilização da linguagem corrente brasileira.

Renato Mendonça, *O Português do Brasil*, adota uma posição mais radical em relação aos estudiosos apresentados anteriormente. Segundo ele, nossa língua não pode ser considerada um dialeto, visto que abarca uma variedade de dialetos regionais e não é possível aceitar que o termo dialeto brasileiro seja utilizado para se referir a essa amplitude de superfícies. Além disso, a língua de Portugal diferencia-se da nossa na pronúncia, sintaxe e no vocabulário.

a) Em sua obra, considera três fases da dialetologia: Pré-história – formada por Pedra Branca, Varnhagen, Alexandre Passos, Adolfo Coelho, na qual foram elaboradas algumas notas sobre o acento brasileiro e realizados os primeiros estudos sobre brasileiroismos.

b) Histórico-etnográfica – composta por Paranhos da Silva

Macedo Soares, João Ribeiro, Pacheco Jr., Sílvia Romero, Leite de Vasconcelos, na qual houve o efetivo estudo do “dialeto brasileiro”.

c) Dialetoológica – representada pelos estudos do dialeto caipira de Amadeu Amaral e pela continuação dos estudos dos “dialetos” da língua portuguesa no Brasil.

Observa-se a existência de duas posições antagônicas para interpretar o português brasileiro, ora como uma modalidade conservadora, que reflete o português do colonizador, ora como uma modalidade inovadora, diferente em relação ao português de Portugal e por isso representativa de uma outra língua.

a) Dentre os aspectos considerados inovadorismos, pode-se destacar o emprego do pronome em alguns casos como: Preferência do pronome *dele* em detrimento do pronome *seu* relacionado à 3ª pessoa do singular.

Ex.: “Investigam o caso da morte de PC e da namorada dele.”

b) Ocorrência do pronome seu em relação à 2ª pessoa do singular, o que evidencia uma neutralização na diferença entre 2ª e 3ª pessoas do singular.

Ex.: “Tu não foi à festa, mas seu namorado foi.”

c) Emprego de sujeito pronominal de oração infinitiva no caso oblíquo.

Ex.: “Isso é para mim fazer.”

d) Substituição do pronome reto da 1ª pessoa do plural por a gente.

Ex.: A gente $\left\{ \begin{array}{l} \text{vai} \\ \text{vamos} \end{array} \right.$

e) Tendência a despronominalização, principalmente em frases imperativas.

Ex.: “Sente.”

f) Uso do pronome oblíquo *lhe* como objeto direto – segundo Sousa da Silveira, por analogia com os pronomes *me*, *te*, *se* bem com *nos*, *vos*, que podem desempenhar a função de OD e OI, é comum o emprego do pronome *lhe* também nas duas funções.

Ex: Eu lhe vi / Eu lhe encontro.
Senhora dona da casa
Saia fora do copió
Que os contado da ribêra
Querem todos lhe louvá.

(Gustavo Barroso, Terra de Sol, p. 237)

Ao lado dessas inovações, encontram-se certos conservadorismos que aproximam o português do Brasil do português quinhentista. Tal fato aponta para um processo de estagnação da nossa língua em oposição à evolução do português europeu.

a) Assim, certos fenômenos que parecem característicos do nosso idioma, são considerados arcaísmos: Uso do pronome pessoal reto como objeto.

Ex.: Eu amo ela / Encontrei ele doente

“El Rei mandou-o logo prender e levaram ele a Mateus Fernandes de Sevilha”. (F. Lopes – C. de Dom Fernando – cap. 46)

“É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda...” (Machado de Assis – Brás Cubas – p. 191)

b) Colocação de pronome átono em posição proclítica.

Ex.: Se sente / Me dá uma bala?
Vou fazê uma pergunta,
Me preste bem atenção: Pruque não quis aprendê
As coisas do meu sertão?

(Coisas do Meu Sertão – Patativa do Assaré)

“Me diz a verdade, você chegaria às lágrimas com um discurso de Marcelo Alencar?” (Artur Xexéo – 19/06/96)

“... a fita tinha começado, estava escuro que era um horror e dificilmente descobriram dois lugares nas cadeiras do fim. Se sentaram, ele deu um suspiro, mas do suspiro não passou.” (Raquel de Queirós – p. 20)

As definições de brasileirismos apresentadas tentam apreender uma nova realidade lingüística, organizada a partir da formação de uma consciência nacional, estabelecendo critérios de diferenciação entre o nosso português e o de Portugal.

Ao analisar tais definições, percebe-se que os estudiosos têm encontrado dificuldade para chegar a uma definição consensual em torno do conceito de brasileirismo. Cada definição privilegia um determinado

critério, que pode ser considerado antagonico em relação ao outro.

A colocação dos pronomes pode ser considerada como item de distinção entre o Português do Brasil e o de Portugal.

Na posição de sujeito, o quadro pronominal é o seguinte:

Eu
Tu – você – eles
Nós – a gente
Eles

Observa-se a neutralização na linguagem cotidiana, principalmente carioca, entre a 2ª e 3ª pessoas do singular. Nesse caso, a concordância verbal obedece a conjugação de 3ª pessoa do singular.

Na linguagem oral, é freqüente, também, o emprego do pronome oblíquo *mim* na função de sujeito de verbo no infinitivo – particularidade do nosso idioma em relação ao de Portugal.

Mas, ao mesmo tempo em que nossa língua aponta para uma revolução, observa-se nela a conservação de padrões lingüísticos do português arcaico.

Mais uma vez, surge a pergunta: – o português do Brasil e o português de Portugal são línguas distintas ou ambas integram uma grande unidade que não exclui a variedade?

BIBLIOGRAFIA

BOLÉO, M. de Paiva. *Brasileirismos*. Coimbra: Coimbra, 1943.

CUNHA, Celso. *Que é um brasileiro?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

DAUPIÁS, Jorge Guimarães. *O dicionário da Academia Brasileira*. Lisboa, 1929.

ILARI, Rodolfo. *Lingüística Românica*. São Paulo: Ática, 1992.

MELO, Gladstone C. de. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua Portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.